

**CARMEN L. DE S. BELACHE
ORLÉIA APARECIDA DE OLIVEIRA
SIRLENE DA SILVA**

**RELATÓRIO FINAL
GRUPO DE ESTUDOS
LÍNGUA PORTUGUESA
CEEBJA ULYSSES GUIMARÃES**

**COLOMBO
2007**

“Aprender a escrever é, em grande parte, se não principalmente, aprender a pensar, aprender a encontrar idéias e concatená-las, pois, assim como não é possível dar o que não se tem, não se pode transmitir o que a mente não criou ou não provisionou...”

(Othon Garcia)

1. Introdução

Este trabalho pretende mostrar como foi trabalhado em sala de aula o grupo de estudos de língua portuguesa, aqui pretendemos explicitar algumas experiências vividas com os alunos, além da abordagem de alguns aspectos teóricos, o texto procura orientar o processo de reflexão-criação, mostrar como as experiências foram realizadas, talvez influenciada por um estilo de ensino próprio preocupado em como ensinar, isto é, como mostrar melhor para inculcar melhor. Isto pode ser observado na forma em que as atividades foram realizadas.

Sabemos que a produção textual é uma atividade verbal, a serviço de fins sociais e, portanto, inserida em contextos mais complexos de atividades; trata-se de uma atividade consciente, criativa que compreende o desenvolvimento de estratégias concretas de ação e escolha de meios adequados à realização dos objetivos, como é citada por KOCH, em “ A inter-Ação pela linguagem”:

“...trata-se de uma atividade intencional que o falante, de conformidade com as condições sob as quais o texto é produzido, empreende, tentando dar a entender em seus propósitos ao destinatário através da manifestação verbal; é uma atividade interacional, visto que interactantes, de maneiras diversas, se acham envolvidos na atividade de produção textual”. (p.22)

Devemos avaliar as várias formas de ver a linguagem, primeiro como uma forma de interação social, depois como expressão de pensamento e ainda como instrumento de comunicação.

Na produção textual, mas não somente nela, é necessário considerar o que existe de coletivo nas experiências e conhecimentos produzidos historicamente pelo homem. É necessário entender o saber, a escrita como algo a ser construído, como um processo e não um produto finalizado. Produzir textos, motivar, fazer debates, comparar textos são práticas viáveis, no entanto, o que é mais importante, a nosso ver, é a concepção subjacente a tudo isso. A “base” de tudo deve ser a interação que permeia a relação professor/alunos e estes entre si. O importante é para que dessas práticas.

Para Suassuna (1995:130), ao traçar os objetivos de uma prática pedagógica que garanta uma interlocução real para os estudantes e que amplie as formas de interação através da linguagem, propõe:

“ a) o resgate das relações sociais em geral, pelo entendimento das relações entre os fatos da língua, e entre esta e o mundo;

b) o processo de constituição da subjetividade e de novas relações intersubjetivas, instauradas pelo exercício da linguagem;

c) a utilização da língua em contextos interacionais efetivos e diversificados, com base na assunção de diferentes papéis no jogo das representações sociais.”

Com a linguagem sendo vista como forma de interação, é possível trabalhar o texto mais profundamente. Isso significa abordá-lo de maneira crítica; depreender a sua superestrutura, ou esquema abstrato que temos de cada modalidade textual; investigar os recursos utilizados pelo produtor para transmitir a mensagem; decifrar a intencionalidade e as estratégias das quais se vale o autor para atingir seu objetivo. Sobretudo, para que se realize plenamente o estudo do texto, seja em que modalidade for, é necessária a compreensão, a síntese, as inferências e, se possível, uma etapa final em que o discente externe algo que adquiriu com o texto.

Referências

KOCH, I.V. A inter-Ação pela linguagem. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2000.

SUASSUNA, L. Ensino de língua portuguesa - uma abordagem pragmática. Campinas: Papyrus, 1994.

2. Relações Teoria-Prática

2.1 Professora Sirlene da Silva

2.1.1 Apresentação

A organização do atendimento na EJA é desenvolvido neste Estabelecimento de Ensino, de forma abrangente, os conteúdos estruturantes não são trabalhados por séries, mas estão articulados à realidade na qual o educando se encontra, viabilizando um processo integrador dos diferentes saberes e com a participação das diversas áreas do conhecimento.

As aulas são presenciais, porém a escolarização, em todas as disciplinas, está organizada de forma coletiva e individual. Cabe ao educando optar pela forma que melhor atenda as suas necessidades.

A aquisição do conhecimento de Língua e Literatura acontece gradativamente atrelado a uma carga horária, porém esta pode ser reduzida, no atendimento individual, com a aplicação de um teste classificatório.

2.1.2 Abordagem do conteúdo

Comparar alguns aspectos de como a mulher era vista no Realismo/Naturalismo, com textos atuais, versos musicados de Alceu Valença. A Estética Literária (Verso e prosa), figuras de linguagem etc. EJA – Ensino Médio – Modalidade Coletivo.

2.1.3 Metodologia

Inicialmente ouvimos a música, tropicana, de Alceu Valença e com leitura prévia do romance O Cortiço de Aluísio de Azevedo, os alunos foram identificando a intertextualidade da música do cantor contemporâneo, com a obra do escritor naturalista. Constatou-se ainda, por meio das metáforas, comparações e sinestésias, que os autores citados, fizeram uso de figuras de linguagem para descrever ou se referir à mulher.

É importante mostrar aos alunos que a sensualidade feminina é retratada pela sinestesia, figura de linguagem que melhor descreve as sensações provocadas pelos gostos, cheiros e imagens exalados pela mulata.

“Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestras da fazenda; o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoava nas matas brasileiras; era a palmeira

virginal e esquiva que não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel...” (p. 86 – 87)

Alceu Valença, compositor e cantor da atualidade, também fez uso das figuras de linguagem ao comparar a mulher às frutas tropicais.

Alceu Valença – Tropicana

Alceu Valença – Vicente Barreto

Da manga rosa quero o gosto e o sumo
Melão maduro sapoti juá
Jabuticaba teu olhar noturno
Beijo travoso de umbu-cajá
Pele macia ai carne de caju
Saliva doce doce mel mel de urucu
Linda morena fruta de vez temporana
Caldo de cana – caiana
Vem me desfrutar

Linda morena fruta de vez temporana
Caldo de cana – caiana
Vou te desfrutar

Morena tropicana
Eu quero teu sabor

Para realizar a atividades a turma foi dividida em grupos e cada aluno leu o romance proposto. Em seguida solicitei aos alunos que fizessem uma comparação de como a mulher foi abordada na obra “O cortiço” de Aluísio de Azevedo e como isto aconteceu no texto contemporâneo, em verso, musicado por Alceu Valença.

As atividades até aqui encaminhadas foram no intuito de constatar-se como, no passar do tempo e no desenvolver da sociedade (época do Realismo/Naturalismo à atualidade) as mulheres sempre foram “colocadas” como o centro dos sentimentos, como sedução mantenedora dos sonhos machistas.

Por meio das figuras de linguagem, que as comparam às frutas saborosas, animais astutos, luz e outras coisas, os homens demonstram seu sentimento de amor e desejo, ao mesmo tempo em que denunciam o perigo de curvarem-se a elas e a necessidade de tolhê-las a fim de que não os dominem com o seu poder de sedução. Daí provém o uso das expressões que mostram a periculosidade da mulher, limitando-as e rotulando-as, como que para “colocá-las em seu lugar”.

Como podemos observar no fragmento da obra e na música “Como dois animais”, de Alceu Valença.

“... era a castanha do caju que abre feridas com seu azeite de fogo; ela era cobra verde e traiçoeira, a lagarta viçosa, a muriçoca doida, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambecidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias”. (P. 87)

Como dois animais

Uma moça bonita

De olhar gateado

Deixou em pedaços

O meu coração

Uma onça pintada

E seu tiro certeiro

Deixou os meus nervos

De aço no chão

Foi mistério e segredo

E muito mais

Foi divino o brinquedo

E muito mais

Se amar como dois animais

Meu olhar vagabundo

De cachorro vadio

Olhava a pintada

E ela estava no cio

Era um cão vagabundo

E uma onça pintada
Se amando na praça
Como os animais.

Fonte: Alceu Valença. Como dois animais. 1982. L.A, f.3. Em Cavalo e Pau. LP. Ariola nº 201647.

É importante fazer com que os alunos discutam a música a partir de um questionamento:

Por que a moça bonita foi comparada a uma onça e o eu-lírico a um cachorro?

O próximo passo foi pedir aos alunos que produzissem um texto dissertativo sobre como a mulher é vista hoje pela sociedade

Ao falamos de Realismo, estaremos nos lembrando do Naturalismo, pois as características de ambos são as mesmas, isto é, as duas tendências focalizam o comportamento humano.

Segundo Samira Y. Campedelli, “Se o Realismo documentou apenas os aspectos que enxergou, o Naturalismo empenhou-se em marcar posições. Se os realistas preferiam apenas indicar forças psicológicas que guiam comportamentos, os naturalistas preferiam denunciar a exploração do homem pelo homem e a sua conseqüente animalização.”

É necessário sugerir aos alunos as seguintes leituras, para que possam perceber melhor o que foi estudado.

Sugestões de leitura:

A Polaquinha de Dalton Trevisan;

O Vampiro de Curitiba;

Gabriela Cravo e Canela Jorge Amado;

Pesquisa na Internet sobre frases de para choques de caminhões;

A problematização surgiu a partir do encaminhamento das atividades de leitura do romance e “O Cortiço” de Aluísio de Azevedo e das letras das músicas Tropicana e Como dois animais, de Alceu Valença.

Referências

CAMPEDELLI, Y. Samira Literaturas Brasileira e Portuguesa – Saraiva

Alceu Valença. Como dois animais. 1982. L.A, f.3. Em Cavalo e Pau. LP. Ariola nº 201647.

2. Relações Teoria-Prática

2.2 Professora: Orleia Aparecida de Oliveira

2.2.1 Apresentação

A educação ao longo do tempo passou por várias mudanças, onde podemos verificar pelas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que foram aprovadas e modificadas pelo Ministério da Educação. A última e mais atual é a Lei 9394/96.

Em decorrência destas mudanças, o sistema educacional caracterizou-se aparentemente cheio de problemas em que de acordo com as necessidades atuais, o sujeito histórico – o aluno - deve ter uma nova postura diante do mundo, onde será necessário saber situar-se consciente e ativamente, considerando-se fazer parte destas relações socio-educacionais.

O aluno precisa, portanto, relacionar, compreender e explicar a complexidade das relações em que se encontra inserido e, para isso, é necessário ter um conhecimento diversificado, que poderá ser encontrado nos livros, principalmente trabalhando com a autora Cecília Meireles, este projeto de aula no momento sugere que a musicalidade encontrada na poesia “AS MENINAS”, vem a ajudar o desenvolvimento da oralidade e escrita do aluno interagindo com o meio em que vive.

Verificando as dificuldades dos alunos de ensino fundamental pela leitura, interpretação de textos, na escrita e no conhecimento do vocabulário, assim como no desenvolvimento da oralidade. Viemos através deste buscar várias possibilidades para por fim a estes problemas, que afetam aos educandos e também a nós educadores, procurando trabalhar em conjunto na sala de aula, utilizando a obra de Cecília Meireles.

Esta atividade foi aplicada numa turma de ensino de Jovens e adultos no CEEBJA – Ulysses Guimarães em Colombo, turma de ensino fundamental, as aulas são presenciais, de forma coletiva, onde encontramos alunos de várias faixas etárias.

Um dos objetivos da escolha do tema é fazer a interação do aluno com o meio em que vive, seu cotidiano e a literatura, tendo como objetivo principal subsidiar o educando com argumentos que o ajudem a intervir nas demais áreas do conhecimento e possibilitem a reflexão e a construção de um discurso crítico. Procurando instigar a curiosidade pela leitura, fazendo-o perceber que não é simplesmente ler, existe a necessidade de saber interpretar, para um bom desempenho cultural.

E como objetivo específico procurar despertar o interesse e busca pela leitura de uma forma agradável; melhorar o vocabulário; melhorar o conhecimento para escrita e interpretação de texto; melhorar a interação com o meio em que vive; propiciar após a leitura uma reflexão, de forma que o estudante possa estar preparado para indagar as causas, conteúdos e finalidades dos fatos e dos valores e, também, do próprio pensamento.

2.2.2 Fundamentação Teórica

Segundo Paulo Freire – um dos maiores pedagogos da educação brasileira – A construção ou a produção do conhecimento do objeto implica o exercício da curiosidade, sua capacidade crítica de ‘tomar distância’ do objeto, de observá-lo, de delimitá-lo, de cindi-lo, de ‘cercar’ o objeto ou fazer sua aproximação metódica, sua capacidade de comparar, de perguntar.

Estimular a pergunta, a reflexão crítica sobre a própria pergunta, o que se pretende com esta ou com aquela pergunta em lugar da passividade em face das explicações discursivas do professor, espécies de respostas a perguntas que não foram feitas. Isto não significa realmente que devemos reduzir a atividade docente em nome da defesa da curiosidade necessária, a puro vai-e-vem de perguntas e respostas, que burocraticamente se esterelizam. A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos em que o professor expõe ou fala do objeto. O fundamental é que professores e alunos busquem uma postura aberta, curiosa, indagadora e não passiva, enquanto fala ou enquanto ouve. Que assumam a epistemologia da curiosidade para a busca do conhecimento, como afirmam alguns filósofos: que o conhecimento nasce de dúvidas indagadas.

“Neste sentido, o bom professor é que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma ‘cantiga de ninar’. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas”. (P. Freire, *Pedagogia da Autonomia* - p. 96)

Sabendo da grande dificuldade de nossos alunos com relação a leitura, devemos a princípio somar livro e autor, sem essa junção a disposição para uma leitura espontânea torna-se rara. É importante observar como educadores que somos a necessidade de ter um trunfo nas mãos para conquistar uma boa parte de nossos discentes para o mundo da leitura prazerosa, utilizando-se de algumas estratégias fundamentais, que mostrem a interação da linguagem verbal com a visual, trazendo para a sala de aula práticas dominantes realizadas pela maioria da população, pois desta forma torna-se mais agradável e melhor aceita diante de nossos alunos.

Uma estratégia que podemos dizer ser fundamental e essencial é a de o professor mostrar que gosta de ler, e desta forma, instigar a curiosidade de seus educandos, dando uma boa apresentação à obra, relacionar o texto com outras leituras, fazer uma boa leitura, apresentando uma boa dicção e oralidade, respeitando e dando ênfases a pontuação, fazendo a discussão do texto e inserindo-os gradativamente de forma que os alunos consigam compreender e relacionar com algo já visto, seja no seu cotidiano ou em outra leitura já feita.

Outra estratégia é fazer a ligação verbal com a visual, obtém-se a identificação imediata, sem que haja nenhum esforço, há de início o reconhecimento do que se está lendo, a leitura é feita com naturalidade, a identificação é imediata, porque autor e leitor falam a mesma língua.

Analisando o ensino de literatura, percebemos que ele vem sendo feito por meio de práticas de ensino cristalizados, que beneficiam o aspecto cronológico da história literária, e o que encontramos no texto de Bakhtin “Da Teoria Literária à Cultura de Massas”, é sua prioridade no desenvolvimento da leitura, ao mesmo tempo em que há uma tentativa de inculcar aos educandos a capacidade de análise e desta forma ampliar seus horizontes quanto à literatura e à culturas universais.

Quanto ao dialogismo, Bakhtin, opta por uma abordagem que, sem eliminar a história da literatura, cria diferentes cruzamentos, aproximando-se de outros autores, bem como de outras linguagens, mas ligados pela mesma tradição. Com essas trocas, provoca rupturas, se transformando. E aí, estaria o verdadeiro sentido da historicidade do texto literário, um sentido de vida, de permanência, que difere da prática de ensino cristalizado, meramente classificatório e descritivo. É importante trabalhar diversos gêneros e apreciar a estética dos bens culturais produzidos em vários lugares, para permitir que o aluno amplie suas visões de mundo, enriquecendo seu repertório cultural. A fruição desses bens culturais é também questão de aprendizagem.

2.2.3 Metodologia

- Verificar o interesse do aluno pela literatura e principalmente pela poesia.
- Conversar informalmente sobre a autora e poesia, para saber o que o aluno conhece sobre o assunto, e descobrir qual é o grau de conhecimento da turma no geral.

- Lírica e intimista Cecília valorizou a riqueza e o ritmo do vocabulário português, tendo sido, talvez, a poeta modernista que cadenciou com mais beleza os versos curtos, utilizando ainda, algumas vezes, os versos livres.
- Um dos aspectos fundamentais da poética de Cecília Meireles é sua consciência da transitoriedade das coisas; por isso mesmo, o tempo é personagem central de sua obra: o tempo passa, é fugaz, fugidio.
- Ao lado de uma linguagem que valoriza os símbolos e de imagens sugestivas com constantes apelos sensoriais, uma das marcas do lirismo de Cecília Meireles é a musicalidade de seus versos.

- Texto a ser trabalhado: “As meninas” de Cecília Meireles. (Anexo 1.)
- Trabalho em dupla de montagem do poema “As meninas”, deixando livre a seqüência. O poema é entregue aos alunos recortado em versos, onde eles farão a montagem e colagem no caderno, como eles acham que é.
- Desenvolvimento da montagem do poema no quadro, com a ajuda dos alunos.
- A leitura do poema com os alunos.
- Reconhecimento de fotos das meninas, devido as suas personalidades descritas no poema. (Anexo 2)
- Atividade em conjunto com a professora de interpretação de texto, trabalhando escrita e a oralidade. (Anexo 3)

Referências

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 24.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

NICOLA, J. Literatura Brasileira das origens aos nossos dias. Scipione, 1998.

Versão preliminar das Diretrizes Curriculares Estaduais de Língua Portuguesa.

ZAPPONE, Mirian H.Y. Estética da recepção. In: BONNICI Thomas, ZOLLIN, Lucia O. Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas.

MARCHI, Diana Maria. Literatura e o leitor. In: NEVES, Iara da Conceição Bitencourt et al (org.) Ler e escrever compromisso de todas as áreas.

STAM, Robert. Backhtin: Da Teoria da Literatura à Cultura de Massa.

Anexo 1

As Meninas

Arabela
abria a janela.

Carolina
erguia a cortina.

E Maria
olhava e sorria:
“Bom Dia!”

Arabela
foi sempre a mais bela.

Carolina,
a mais sábia menina.

E Maria
apenas sorria:

“Bom Dia!”

Pensaremos em cada menina
que vivia naquela janela;
uma que se chamava Arabela,
outra que se chamou Carolina.

Mas a nossa profunda saudade
é Maria, Maria, Maria,
que dizia com voz de amizade:
“Bom Dia!”

Cecília Meireles

Anexo 2

Menina 1



Menina 2



Menina 3



Anexo 3

ATIVIDADE 2

Em relação ao poema As meninas, podemos dizer:

1) Quais eram as características da personalidade de cada menina da poesia?

2) Como você imagina fisicamente cada personagem?

3) Na sua opinião, cada menina tinha a sua janela ou todas viviam na mesma casa e apareciam na mesma janela? _____

1) Se cada uma tivesse a sua janela, como seria então sua janela? _____

2) Existia algum laço familiar entre elas? Comente. _____

3) O que poderia ter acontecido às meninas já que a autora refere-se na última estrofe "... nossa profunda saudade ..."

4) Você pode comparar cada menina com diferentes mulheres ou meninas de hoje em dia? _____

3. Resultado

Como o ensino não pode e não deve ser algo estático e unidirecional, devemos nos lembrar de que a sala de aula não é apenas um lugar para transmitir conteúdos teóricos; é, também, local de aprendizado de valores e comportamentos, de aquisição de uma mentalidade científica lógica e participativa, que poderá possibilitar ao indivíduo, bem orientado, interpretar e transformar a sociedade e a natureza em benefício do bem-estar coletivo e pessoal.

Nossos objetivos foram alcançados, tivemos participação ativa de todos os alunos, conseguimos verificar na prática a interação e unidade de nossos docentes.

Cada vez mais verificamos que o trabalho realizado em grupo é valorizado. Porque ativa a criatividade e quase sempre produz melhores resultados do que o trabalho individual e isso foi possível perceber através das atividades realizadas com nossos alunos.

Conseguimos constatar na prática que, quando os alunos interagem, eles se sentem mais motivados e engajados e, por isso, obtém melhores resultados.

A sala de aula é um lugar privilegiado, pois há uma mistura muito grande de culturas e idéias, e esse processo de ensino-aprendizagem que foi utilizado em sala só veio a confirmar que a diversidade de opiniões pode orientar a construção de significados únicos e compartilhados, onde cada aluno descobre seu valor e passa a se valorizar mais, aumentando sua auto-estima, o que vem a nos deixar realizadas como profissional da educação.